

O HOMEM E A HISTÓRIA NA *FILOSOFIA DA PRÁXIS* DE ADOLFO SÁNCHEZ VÁZQUEZ¹

Adenisia Alves de Freitas²

RESUMO: Através desse artigo pretende-se compreender o pensamento de Adolfo Sánchez Vázquez, acerca da práxis. Considerando o que intercala à política, à violência e à história, tendo que as ações dos homens incidem e/ou partem de organizações coletivas e individuais, no qual a prática estaria interligada a própria ação do homem no tempo e a capacidade de modificar o espaço que vive. Como é possível analisar por meio de outros pensadores, destacado por Sánchez Vázquez em Hegel, Feuerbach e Marx. O estudo busca entender a relação da práxis também com a ação revolucionária, aliado a um olhar que considera à história da práxis do homem, evidenciando nesse contexto os agentes transformadores com ressalva a alteração das circunstâncias, sujeitos ao curso dos acontecimentos entre a práxis intencional e inintencional. Entre distinções e aproximações da teoria e da prática, sobre uma cadeia de fatores que estão relacionados à filosofia da práxis. Levando em consideração as complexidades que existem, através de um conjunto de fatores que são considerados para entendermos o que é a práxis, sintetizando alguns pontos, para que possamos adentrar no caminho que percorreu Sánchez Vázquez. Examinando a historicidade do termo e a linha de pensamento que obtêm um campo mais amplo nos estudos marxistas.

PALAVRAS CHAVE: História. Práxis. Sánchez Vázquez.

ABSTRACT: Through of article aspire comprehend the thought of Adolfo Sánchez Vázquez, about the praxis. Considering the which intercalates politics, violence and history, expert that the actions of men reverberate and/or depart of organization collective and individual, in which the practice be interconnected the proper action of man on time the capacity of modify the space that lives. As it is possible analyse by middle of other thinker, conform emphasized Sánchez Vázquez in Hegel, Feuerbach e Marx. The study search understand the related of praxis also with the action revolucionáriary, ally the one look that considers to history of praxis of man, evidence in that the agents transformers with reservation the alteration of circumstances, subject to course of events the praxis intentional and unintentional. Between distinctions and approaches of theory and of practice, about a serie of factors that are related the philosophy of praxis. Considering the complexities that there, through of one set of factors considered to understand the that it is the praxis, synthesizing some aspects to enter on path that come Sánchez Vázquez. Examinee the historicity of term and line of thought one field more with marxist studies.

KEYWORDS: History. Praxis. Sánchez Vázquez

CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Com as mãos o homem aprendeu a vencer a resistência das coisas, e com elas começou a dominá-las. Com as mãos o homem começou a deixar suas marcas na natureza; e seu uso como primeiro instrumento ou ferramenta [...]. Mas as mãos não estabelecem uma relação peculiar apenas entre o homem e as coisas, mas também entre os próprios homens. Acariciam ou aproximam os homens no aperto de mão; mas os homens não só se acariciam ou cumprimentam, como também brigam. Ou seja, as mãos exprimem de modo sensível e concreto relações humanas, quer entre

¹ Artigo produzido a partir da comunicação apresentada no Simpósio Temático no I Congresso de História e Literatura: “Tempo e Narrativa” na Unidade de Jussara (UEG).

² Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Jussara, desenvolvendo curso de especialização pela UEG sobre “Identidade, Cultura e Região”, e-mail: adenisiaha@hotmail.com.

indivíduos, quer entre grupos sociais. E essa capacidade da mão de demonstrar os sentimentos mais opostos tem por base sua estrita vinculação com a consciência.

Sánchez Vázquez³

A relevância de analisar a obras de Adolfo Sánchez Vázquez está situada na profundidade de suas discussões. Dispondo de questionamentos que deixam evidente seu posicionamento de esquerda em defesa da mudança, no qual os homens seriam consequência de suas ações na história. Conforme pontuou Gabriel Vargas Lozano ao considerar que “Adolfo Sánchez Vázquez es um reconicido teórico marxista que ha venido reflexionando largamente sobre estos temas” (LOZANO, S/d, p. 242), ou de acordo com María R. P. Mayoral: “Adolfo Sánchez Vázquez é um filósofo prolífico que refinou suas argumentações ao longo de muitos anos” (MAYORAL, 2007. p.1) e que está “seguro é que se as pessoas são feitas pela história, também a fazem” (MAYORAL, 2007, p. 13).

A Filosofia da práxis é uma das obras de Sánchez Vázquez, como são à *Ética*, à *Ciência e revolução*, à *Filosofia e economia no jovem Marx*, *La filosofía de Rousseau y su influencia en México*, *Las ideas estéticas de Marx*, *El marxismo da Althusser*, *Y ciencia y revolución e Tempo e destempo*, dentre outros. Deixando transparecer a dedicação em compreender os escritos de Marx, como de outros pensadores. Segundo enfatizou no artigo *Ética e política* (2006), em relação ao filósofo estadunidense John Rawls.

Sánchez Vázquez construiu uma parte significativa de sua vida intelectual no México, país no qual permaneceu exilado, deixando a Espanha em 1939, nação que nasceu. Alcançou o grau acadêmico de doutor em filosofia após escrever uma de suas mais conhecidas obras à *Filosofia da Práxis*. Apresentada para ser avaliada em 1961 e reimpressa durante anos até 2003, como escreveu María Rosa Palazón Mayoral no artigo *A filosofia da práxis segundo Adolfo Sánchez Vázquez* (2007).

O problema que norteia o presente estudo constitui-se na busca de examinar o que é a práxis, considerando os demais aspectos que estão relacionados aos demais conceitos, e como foi articulado o pensamento de Sánchez Vázquez. Referente à primeira parte da *Filosofia da Práxis*, intitulada de *Fontes filosóficas fundamentais para estudo da práxis*, distribuído em três capítulos sobre a concepção da práxis em Hegel, Feuerbach e Marx. Na segunda parte aborda *Alguns problemas filosóficos em relação á práxis*, analisado em seis capítulos, quando

³ VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Tradução: Luiz Fernando Cardoso. 4. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 271-272.

retoma discussões anteriores e fundamenta suas explicações nos escritos de Marx e no marxismo, além do seu próprio posicionamento sobre a práxis.

A obra em questão foi reformulada em 1966 pelo autor e editada no Brasil em 1977. Avaliada na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) pelos doutores Eli Gortari, Luís Villoro, Ricardo Guerra, Wenceslao Roces, contando também com Jos Gaos. Mesma instituição que foi professor de Letras e Filosofia. Durante os anos de pesquisa obteve algum reconhecimento, recebendo o título de *Doutor Honoris Causa* por meio das universidades mexicanas de *Puebla* e *Nuevo León*, além das universidades espanholas de Cádiz e a Universidade de Buenos Aires (UBA). Sánchez Vázquez faleceu em 2011 com 95 anos de idade na Cidade do México.

A obra *Filosofia da Práxis* recebeu o título inicial de *Sobre a práxis*, conforme destacou na nota preliminar de sua obra (p. 1, 1977). Trazendo ao conhecimento do leitor problemas filosóficos que dialogam com a práxis. Procurando definir o que é a práxis (1977, p. 185) um dos títulos dos capítulos. Para isso intercalou-a com o campo teórico e o prático. Além de definir a filosofia da práxis, abordando a práxis criadora com a revolucionária, à artística, à reiterativa, à imitativa, à reflexiva, à intencional, à inintencional entre outras. Através de um caminho que leva para filosofia da práxis no nível conceitual.

Conhecer a forma como Sánchez Vázquez desenvolveu seu pensamento é um dos principais objetivos que são propostos. Para alcançar compreensões mais profundas das ações do homem no tempo, como agente capaz de se modificar, como também de intervir no espaço que está inserido. Sobre a luz do estudo que visa transparecer a crença de Sánchez Vázquez na capacidade transformadora dos homens, em uma conversa direta sobre a práxis, partindo do levantamento de alguns problemas para à tentativa de transparecê-los de modo mais claro.

Considerando a filosofia da práxis para adentrar nas particularidades do pensamento de Sánchez Vázquez. Esclarecemos que ao propor este estudo nos limitamos em alguns pontos que não se resume a análise que buscamos realizar, pois os frutos de sua pesquisa são maiores, cabendo uma discussão mais ampla, que estão além das pretensões iniciais desse primeiro trabalho.

1.1 O que é práxis?

Analisar o que rege as ações dos homens seja sobre organizações coletivas ou individuais não é algo para ser observado superficialmente. Conforme Sánchez Vázquez introduz na filosofia da práxis, no qual a prática estaria interligada com fatores externos e íntimos de cada um. Cujo estudo compreende inicialmente o impulso para mudança aliado

com um olhar mais profundo do que nos cerca, formando a partir de então “propostas” que visa à alteração das circunstâncias. Não sobre uma camada superficial que poderia buscar somente unir a teoria à prática, a partir de uma cadeia de fatores que estão implícitos ao examiná-lo.

A práxis pode ser identificada como “categoria central da filosofia que se concebe ela mesma não só como interpretação do mundo, mas também como guia de sua transformação” (VÁZQUEZ, 1977, p. 5). Aspectos que ligam a práxis ao impulso para transformação que atingem uma perspectiva extensa, com raízes profunda ligadas a interpretação, para em seguida se elevar a mudança.

Notável na concepção de práxis em Sánchez Vázquez, fundamentado em Marx a partir da Tese XI, extraída das *Teses sobre Feurbach* escrito em 1845 que tornou-se público em 1888, considerando que “os filósofos limitaram-se a *interpretar* o mundo de diferentes maneiras; trata-se é de *transformá-lo*” (VÁZQUEZ, apud MARX, 1997, p. 161). Frase que para Maria R. P. Mayoral (2007, p. 10) revela a certidão de nascimento do marxismo, abstraída também por Sánchez Vázquez.

Entre a interpretação e a transformação das circunstâncias está à postura militante, intercalando a práxis a observação da realidade, através do que definiu como *Da interpretação do mundo à sua transformação* (1997, p. 161). Análise desenvolvida, de modo mais próximo em Marx, do que em Hegel e Feuerbach. Como salientou, não se opondo ao escrever que:

Daí a necessidade de combater semelhante filosofia, que é justamente a filosofia idealista alemã que culmina – como tal filosofia da interpretação – não só em Hegel como também em Feuerbach. Essa filosofia tem que ser combatida não apenas por ser mera teoria, mas sim exatamente porque sendo tal – uma teoria da conciliação da razão com o mundo – tem conseqüências práticas que ultrapassam sua esfera meramente teórica (VÁZQUEZ, 1997, p. 162).

A participação dos filósofos não deveria estar voltada somente a interpretação da realidade, conforme abordou Marx, tanto quanto para transformação, com isso defende o sentido prático, não dispensando da práxis a abstração do real. Mas a interpretação não corresponde a nenhuma ação de forma solitária, seria indispensável o aspecto prático, daí a junção entre a teoria e a prática, relação que em Sánchez Vázquez não esta associada somente na reciprocidade entre esses dois campos.

Antes de compreendermos melhor o que há entre a teoria e a prática com relação a práxis, mencionaremos primeiramente a relação da práxis com o real. Entre os possíveis estudos que podem permear tais aspectos, cabe entender que a realidade e o real na *Filosofia*

da práxis carece de questionamentos e de uma avaliação mais detalhada, não pelas possibilidades de discussão, mas pela ausência. Uma referência direta está no capítulo V sobre a relação entre *A racionalidade da história real* (1977, p. 336), sem citar o caminho que percorreu ou as possíveis hipóteses que há entre a transformação e a realidade. Perpassando por outro caminho, voltando-se ao longo da secção a pontuar a concepção teleológica da história a partir de Marx.

Opondo ao argumento de que “o marxismo repele qualquer concepção profética ou teleológica da história” (VAZQUEZ, 1977, 336), contra-argumenta à prática intencional com a inintencional:

A racionalidade não repousa na finalidade das ações, mesmo se considerarmos – como considera Marx em oposição a toda⁴ concepção transcendente da história – que o verdadeiro sujeito do devenir histórico são os homens e não uma potência – Deus, o Espírito, etc. – situada à margem ou acima deles. Mas justamente por isso, ou seja, por admitir-se a existência de uma praxis histórica inintencional sem que por isso deixe de ser racional, surge o problema que não existe numa concepção teleológica da história como a de Hegel (VÁZQUEZ, 1977, p. 336-337).

Consolidando o pensamento de que são os homens os principais responsáveis pelas mudanças. Vislumbrando que a transformação não é só um ponto no qual concordou, sobretudo, a transformação seria proveniente do homem, visto como sujeito histórico, que historicamente demonstrou ser capaz de modificar o espaço que está inserido. Seja no meio social ou na relação com a natureza. Através da criatividade obteve o potencial de fazer existir instrumentos que facilitavam o trabalho e instrumentos que criaram outros instrumentos, e dominando o que estava a sua volta, dominava também os outros da sua espécie. Discussão que está intercalado ao materialismo histórico.

Referir a Marx em Sánchez Vázquez e ao marxismo requer amplo entendimento do que interpretou acerca de cada um. Por ser marxista não significa que estava de acordo com todas as instâncias de discussão do marxismo no aspecto teórico ou prático. Descrito nas palavras de Pierre e Monique Favre como revisionismo, que seria a

expansão doutrinária, os teóricos que, por não haverem compreendido profundamente a obra de Marx, a transformaram em aforismos desprovidos de vigor revolucionário, acreditavam estar difundindo o autêntico pensamento de Marx. Os revisionistas, ao contrário, com todo o conhecimento de causa, julgavam conveniente recompor as bases do marxismo, recorrendo a diversos sistemas filosóficos. Desse modo, [...] o revisionismo foi, sobretudo, ato de intelectuais burgueses, cujas convicções democráticas e desejo de justiça social levavam a que se integrassem nos partidos operários, mas que não se

⁴ Palavra grafada conforme encontra-se na obra, característica possível de se observada em outros momentos.

desfaziam completamente da ideologia de sua classe de origem (PIERRE; FAVRE, 1991, p. 17-18).

O referencial teórico de Sánchez Vázquez tem raízes solidificadas no meio marxista, aproximando de Antonio Gramsci na secção *O partido como “intelecto coletivo”* (1977, p. 311). Abordando o papel do partido para o trabalho coletivo, o que segundo ele, considerou Gramsci o partido de Intelecto coletivo por ser o mediador entre o aspecto prático e teórico no social. Ademais cabe entender melhor o papel do partido em relação à práxis: assim esclarece que “o partido é em cada momento a fôrça da consciência frente à espontaneidade e o veículo indispensável de uma praxis reflexiva” (VÁZQUEZ, 1977, p. 315), agregando no partido a ação coletiva.

A filosofia da práxis dialoga com as *Formas de práxis* (1977, p. 194), reflexo de que a práxis não está injetada em uma única forma, que será estudada posteriormente. Cabe então ressaltar que a práxis seja produtiva, reflexiva ou as demais, estão intercaladas. Como a práxis reflexiva está relegionada a práxis consciente, estendendo a práxis revolucionária. Sendo que é possível que estejam de lados opostos, conforme a práxis revolucionária estaria distante da práxis cega.

Entretanto as colocações que foram realizadas diz pouco, quando se pergunta sobre o que Sánchez Vázquez entende por marxismo. De acordo com María R. P. Mayoral “para nosso filósofo, nascido em Algeciras, Espanha, e nacionalizado mexicano, o marxismo é uma nova práxis da filosofia e uma filosofia da práxis” (2007, p. 3). Estendendo o pensamento para Marx, respondendo com a décima sétima secção que analisa a concepção da práxis em Marx:

O marxismo se constitui, portanto, como tal, e rompe assim a filosofia que como mera interpretação mundo culmina em Hegel quando se afirma como teoria da práxis revolucionária em particular, e da atividade prática humana em geral. Assim compreendido, o marxismo é essencialmente a “filosofia da práxis” (VÁZQUEZ, 1977, p. 181).

Interpretação que não dispensa outra observação, já que o marxismo na obra de Sánchez Vázquez não é direcionado essencialmente ou apenas como “filosofia para ação”. Alavanca outras perspectivas do *marxismo como ciência e como ideologia* (1997, p. 300), definindo que “o marxismo é, ao mesmo tempo, ciência e ideologia, conhecimento e expressão, teoria que corresponde a determinadas circunstâncias e determinados interesses sociais sem deixar de ser verdadeira, é ideologia cientificamente fundamentada” (VAZQUEZ, 1977, p. 304).

O marxismo descrito remete ao socialismo. Sobre dois pontos; o socialismo científico e utópico, divisão que desfragmentou e distanciou um socialismo do outro, entre a consciência e

a existência, continuando a alimentar uma sociedade dividida e dificultando o fim da sociedade de classe.

Retomando a pergunta, o que é práxis, é de dizer que a práxis não responde por si mesma sem estar associado a outro contexto, considerando a capacidade transformadora do homem, sobre a natureza e no meio social, alterando o ambiente que vive e as transformações no decorrer da história. Compreendendo que a práxis não é prática, como não é necessariamente pura teoria, mas a união voltado para o agir transformador da sociedade, tendo que a teoria não teria validade se não estivesse intercalada com a prática. O que equivale dizer que a teoria pela teoria não leva a práxis, da mesma forma a visão oposta.

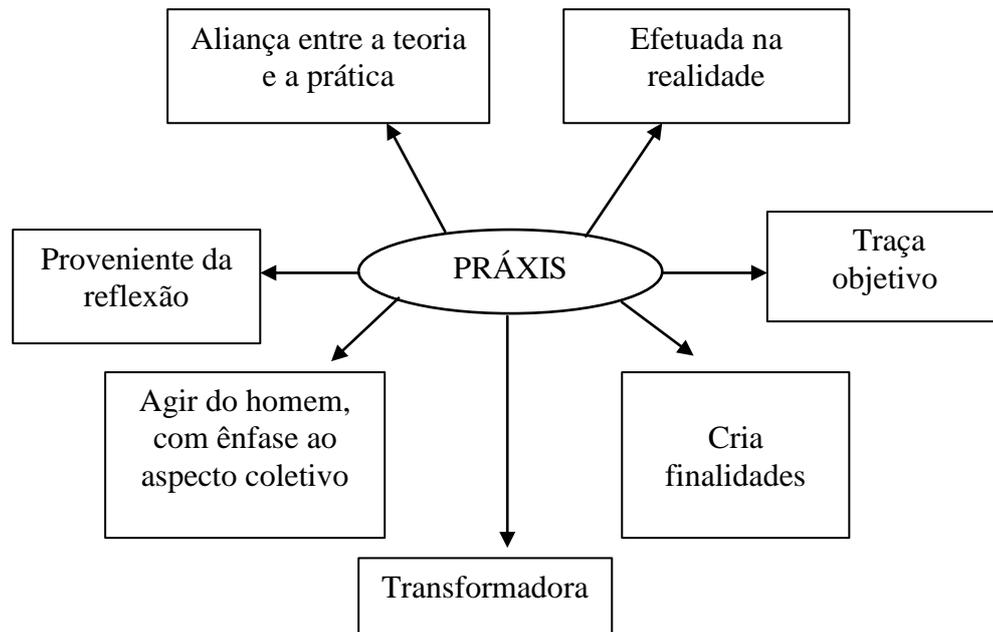
Acerca disso escreveu María R. P. Mayoral:

A práxis opera como fundamento porque somente se conhece o mundo por meio de sua atividade transformadora: a verdade ou falsidade de um pensamento funda-se na esfera humana ativa. [...] e sua concepção revolucionária, a práxis é uma prática que aspira melhorar radicalmente uma sociedade: tem um caráter futurista; trabalha a favor de um melhor provir humano (MAYORAL, 2007, p. 8).

Para isso é necessário compreender que a práxis só adquire seu real sentido quando é capaz de instigar alguma transformação, ficando próximo do que defendeu Marx para ação proletária sobre o capitalismo. Destaque para Lenin, no qual “sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”, assim, a teoria é evidenciada como o berço que abriga a prática, já que seria o percurso para uma práxis revolucionária.

Repercutindo na práxis reflexiva para a práxis consciente, que se concretizaria na realidade. Ademais não é possível examinar a filosofia da práxis com a total harmonia entre a teoria e a prática, pois não é sempre que podem ser entendidas como detentoras de coerência entre si. Considerando que a teoria nem todas às vezes condiz com a prática, ou dessa com a teoria, além de que a teoria em determinadas condições não tem efeitos na prática como não há representações que permitem sua aplicabilidade ou à resposta esperada. Portanto entende que a teoria e à prática estão distantes, pelas características próprias de cada, o que não impossibilita serem relacionadas.

O agir transformador como pode ser entendido na práxis revolucionária não seria realizado sem as determinações teóricas, aliado a interpretação com a transformação, abstraindo que é em Marx que a práxis constitui características específicas, sem tamanha repercussão em Hegel e Feuerbach. Vejamos de forma mais clara, e em suma a práxis com algumas características:



O significado que é agregado ao partido, como aquele que desenvolve a consciência coletiva para transformação social após o socialismo, deixando evidenciar as fragilidades que permeiam a práxis espontânea, já que a liberdade proletária dificilmente daria origem a espontaneidade, diferenciada da práxis criadora. Comentando sobre o partido com relação ao “intelecto coletivo”, enfatiza a possibilidade da práxis reflexiva partir de distintos níveis da sociedade, aderindo as considerações de Gramsci, no qual o intelectual poderia tornar-se a vanguarda revolucionária.

Teoria e prática seriam o florescimento das ações humanas, que no pensamento de Sánchez Vázquez seriam os que tem condições de alterar o que existe, pois “só os homens podem destruir o que eles mesmos criaram para abrir caminho a uma nova criação” (VÁZQUEZ, 1977, p. 329). Entretanto é necessário definir, quem é esse homem, que pertenceria à vanguarda? Cujo papel seria criar e propagar uma consciência revolucionária, introduzindo a participação do partido, como um dos mecanismos centrais.

Referir-se ao homem remete à história. Pois o homem seria o “articulador” da história, aquele que cria e desconstrói, através de dois aspectos fundamentais; uso das mãos, distinguindo-o dos animais e detentor da consciência. A separação desses aspectos levaria ao sujeito passivo, características da sociedade capitalista, no qual as mãos são os maiores impulsionadores do trabalho, que estaria distante da prática pensante.

O significado adjunto ao resultado do trabalho manual pode ser visto historicamente, “reconhecida ainda mais categoricamente nos tempos modernos. Quando se trata de descobrir

a diferença específica entre o animal e o homem”, divisão compreendida por Sánchez Vázquez (1977, p. 269) como rígida. Diferenciando os que pensam dos que fazem, assumindo uma forma mecânica.

Pensar o homem historicamente é referir-se ao coletivo e ao social, o que equivale relacionar a *Individualidade e socialidade* (1997, p. 331), para isso é necessário entender inicialmente que:

O social não é um produto dos indivíduos; pelo contrário, os indivíduos é que são um produto social. A individualidade – do ponto-de-vista histórico-social – não é ponto de partida; é algo que o homem conquistou – e enriqueceu – num processo histórico-social. A individualidade e as formas de os indivíduos se relacionarem estão condicionadas histórica e socialmente. O modo pelo que produzem ou se inserem no processo de produção, sua vinculação com os órgãos do poder, sua maneira de amar e de enfrentar a morte, seus gostos e preferências, estão condicionadas socialmente (VÁZQUEZ, 1977, p. 331).

É socialmente, também, que são realizadas as alianças e travado os confrontos, e na sociedade e no individual que a práxis é articulada. Concordando com Marx (1977, p. 330), define que os homens são ao longo da história os transformadores e os sujeitos as transformações, não permanecendo estáticos, mas criando e recriando, construindo e desconstruindo e se formando individualmente, e como enfatiza, socialmente, construídores de sua história.

Enquanto detentores dessa capacidade determinante, seriam capazes de alterar as condições que existem. Posicionamento que é mais complexo, do que apenas vislumbrar a organização de grupos capazes de articular à queda de determinada estrutura, pois é na práxis que a transformação está fecundada. Termo que dispõe de um sentido maior, levando a crer que não foi introduzido na obra por acaso, sendo argumentado e relacionado com o pensamento teórico.

Analisar “essa qualidade social não determina por completo o comportamento do indivíduo, mas sim certas formas fundamentais dêste, assim como seus limites” (VAZQUEZ, 1977, p. 331), no seio de uma relação que é difícil de ser definida, pois: o que do homem é individual e o que é social? O que alavanca tal reflexão é a forma como entende Sánchez Vázquez o individual e social, não a maneira como é articulada na sociedade capitalista, no qual as relações humanas se tornam simples relações de coisas (1977, p. 333). Partindo da ideia de que o homem está ligado diretamente à história aonde exerce os atos intencionais e inintencionais.

Dessa forma o homem no pensamento de Sánchez Vázquez não é sujeito passivo nem beira a condição única dos aspectos teóricos ou da prática sem objetivo. Mas seria o agente

determinante da história com potencial de se organizar em grupos e de pensar-se socialmente, e fazer uso do pensamento de forma consciente.

Consciência que não dispensa uma investigação detalhada. Correspondente ao capítulo IV, partindo da *Praxis*⁵ *espontânea e praxis reflexiva* (VÁZQUEZ, 1977, p. 281), no qual à

consciência tal como ela se insere no processo prático, atuando ou interpretando no seu transcurso, para transformar um resultado ideal em real. [...] A essa consciência que se volta sôbre si mesma, e sobre a atividade material em que se plasma, podemos chamar de consciência da praxis (VÁZQUEZ, 1977, 283).

Mencionar sobre a consciência nos remete para dois aspectos, à prática e a práxis, no qual a “consciência da práxis vem a ser a autoconsciência prática” (VÁZQUEZ, 1977, p. 284), apesar de demonstrar estarem próximas, podem estar de lados separados, enquanto uma não corresponde com a outra, porque a consciência da práxis não é associada à consciência prática, nadando em ondas contrárias a autoconsciência.

Especificando que a concepção de práxis necessita ser entendida com maior especificidade. Conforme dedicou Sánchez Vázquez no primeiro capítulo da obra, citando Hegel, Feuebach e Marx. Reconhecendo e abstraindo em cada pensamento o significado que encontra da concepção da práxis, abordando com alguns fatos históricos, levando a concretização da filosofia da práxis no âmbito dos estudos de Marx.

1.2 As práxis na filosofia da práxis

Na segunda parte da obra, formulou a terceira seção sobre a discussão de *Formas de práxis* (1977, p. 194), que retomamos, para frisar que defende a relação que pode haver entre as práxis, em que uma pode remeter à outra, dentre a relação do presente com o passado, uma vez que o “produto de uma praxis anterior que se convertem por sua vez, em matéria de uma nova práxis, como os materiais já preparados com que trabalha o operário ou com que cria o artista plástico” (VÁZQUEZ, 1977, p. 195). O trabalho neste caso, recebe ênfase, pois demonstra o potencial de modificar o homem e a matéria, permitindo lidar com o que a natureza oferece.

O que extraí de Marx: “O trabalho é, em primeiro lugar, um processo entre a natureza e o homem, processo em que êste se realiza e controla mediante sua própria ação seu intercâmbio de matérias com a natureza” (VÁZQUEZ, apud MARX, 1977, p. 195). O trabalho demonstra que o homem na história é capaz de modificar sobre diferentes condições, o que custa sua transformação, mesclando entre a produção e a criação. Segundo o que

⁵ Grafia empregada na obra: *Filosofia da Praxis*. Não faz uso de acentuo agudo.

descreveu na práxis produtiva, apreendendo que o trabalho estava dividido, basicamente entre duas funções, o artesão e a máquina.

Próximo da práxis criadora e dialogando com a práxis artística, ressaltando que “o homem não vive num constante estado criador. Ele só cria por necessidade” (VÁZQUEZ, 1977, p. 248). Atingindo diferentes instâncias do social, no qual cada instrumento tem uma função. Como dispõe a práxis criativa, sendo o artista o criador que modifica a matéria, retirando-a do estado natural e transformando. Contudo desconhecemos o que antecede tal prática do artista, pois só nos é possível conhecer à obra no estado final, desconhecendo a intenção inicial e todo o processo que foi exigido.

A criação artística é, também, um processo incerto e imprevisível. Quando o artista começa propriamente sua atividade prática, parte de um projeto inicial que ele deseja realizar; mas esse modelo interior só se determina e torna preciso no próprio curso de sua realização. Da mesma maneira, o resultado se apresenta ao artista como incerto e indeterminado (VÁZQUEZ, 1977, p. 256).

Entre dois efeitos que intercala a atividade do artista ao exterior e o interior. Questões determinantes para ação final, incluindo o subjetivo e o objetivo. Intercalando a práxis revolucionária com a artística no qual o consciente faz-se determinante em ambas. Introduzindo a práxis imitativa ou reiterativa que trata-se da propagação de uma práxis já existente, não sendo uma práxis criadora em sua existência, mas limitada.

Nos dois níveis de práxis pontua a práxis espontânea e a reflexiva, que revoga a práxis criadora. No entanto é preciso entendê-las separadamente, não dispensando o intercâmbio que há aliado ao consciente, o que permitiria a passagem de um para o outro, de um agir espontâneo para o reflexivo, ou para a práxis revolucionária reflexiva.

Na práxis intencional e na práxis inintencional, apresenta que as pretensões não condizem sempre com os resultados. Em outras palavras, equivale dizer que o intencional é quando se tem objetivos e o inintencional são as consequências de ações que levam para respostas inesperadas, que ocorrem na história. Havendo um dualismo entre a vontade e a consequência final.

“O indivíduo produz algo que não estava em sua consciência e que ultrapassa suas próprias intenções” (VÁZQUEZ, 1977, p. 355), assinala que não é tudo que está ao alcance do homem. Mas quando o intencional e o inintencional estão interligados? Devidamente quando existe algum objetivo, levando Sánchez Vázquez a dizer que “só há praxis inintencional através de uma multiplicidade de praxis intencional, de atos dos indivíduos que perseguido seus próprios objetivos dão origem a um resultado que antes não passou idealmente – como intenção ou projeto – por sua consciência” (1977, p.358). Desse modo

duas questões estão postas, à vontade e a realidade, em que um não condiz sempre com o outro.

Não é relevante apreender apenas a práxis segundo pensamento de Sánchez Vázquez, como faz-se necessário compreender a concepção da práxis através de uma discussão que inclua outros pensadores. Como fez ao analisar Hegel, perpassando por Feuerbach e chegando a Marx, a partir de uma linha de raciocínio que passa a considerar como ação principal o homem, com o poder de influenciar e de se responsabilizar por suas ações.

1.3 Considerações de Sánchez Vázquez sobre a filosofia da práxis em Hegel, Feuerbach e Marx

Considerar que “a práxis é, pois, subjetiva e coletiva; revela conhecimentos teóricos e práticos” (MAYORAL, 2007, p. 4), que remete a concepção de Sánchez Vázquez. Entretanto de que concepção compartilha? Incluindo o que fora frisado, é possível apontar que o pensamento de Marx é o de maior influência. Para isso é preciso entender a forma de raciocínio que seguiu.

Assinalamos inicialmente Hegel, e a comparação dos franceses com os alemães, a partir de um caminho entre a teoria e a prática. Intercalando a Reforma Protestante com a Revolução francesa, de sociedade que se constituíram entre à ação e o pensamento. Pois em

1789, a criação de uma ordem – a ordem burguesa – que substituiu o antigo regime, torna-se um assunto prático, enquanto que na Alemanha êle é – e continua sendo depois da morte de Hegel - um assunto *teórico*. Enquanto os franceses passaram sua revolução, do teórico ao prático, os alemães permaneceram no terreno da teoria (VÁZQUEZ, 1977, p. 59).

Entre a revolução e a reforma encontra-se a análise do pensamento que repercutia nessas sociedades, marcando também as características que permearam em Marx e Hegel, além de Feuerbach. Cada um com especificidade acerca da concepção da práxis, embora partindo de um campo teórico próprio, estendido por Sánchez Vázquez para filosofia da práxis. Levando a evidenciar em Marx a profundidade do pensamento teórico alemão e a pobreza no sentido prático (VÁZQUEZ, 1977, p. 61).

Em Hegel avalio algumas das principais obras e artigos, entre à *Fenomenologia do Espírito*, o *Sistema de la moralidad*, *Realphilosophie* e *A ciência da lógica*. Chegando a conclusão que “para Hegel a praxis não passa de um momento do processo de autoconsciência do absoluto, quer a praxis se apresente como trabalho humano na *Fenomenologia*, quer como idéia prática na lógica” (VÁZQUEZ, 1977, p. 88). Percepções que manifesta em Hegel à práxis teórica, limitando o homem no teórico do absoluto, referente

do espiritual para o humano. Em suma relação que não limita o homem as perspectivas teóricas, em disparidade com Marx e com Feuerbach.

Absorvendo a concepção da práxis em Feuerbach. Não sem considerar suas principais obras, como *A essência do cristianismo*, *Tesis provisionales para la reforma de la filosofía*, e *principios de la filosofía del provenir*. Estendendo a concepção de alienação religiosa, correspondente ao que enfatizou Paulo Serra em *Alienação*: “contrário do que afirma Hegel, para Feuerbach a arte, a religião e a filosofia são não as manifestações ou revelações do ‘absoluto’, mas antes ‘as manifestações ou revelações do ser humano verdadeiro’” (SERRA, 2008, p. 8). Dessa forma o homem é apresentado como perspectiva central, desconsiderando o absoluto que enfatizou Hegel.

A concepção da práxis em Feuerbach leva o homem para atividade teórica, distanciando do que privilegiou Marx, atividade prática. Colocando que a alienação ocorreria no aspecto teórico com o desprendimento da consciência, definindo que o homem de Feuerbach seguiria sendo uma abstração (1977, p. 116). Compreendendo que

para Feuerbach a alienação do homem se verifica na consciência, esta é também o âmbito de sua anulação e nela devem ser buscados os meios e caminhos para superar a alienação; isso significa que a atividade teórica do homem – e não a prática – é a essencial. Daí não ver a necessidade de se passar da teoria para uma atividade prática verdadeiramente revolucionária (VÁZQUEZ, 1977, p.113).

De Hegel para Feuerbach a concepção da práxis difere de Marx. Demonstrando que foi no marxismo que a práxis constituiu seus fundamentos, sobre as sobras da teoria e da prática, cujas premissas foram articuladas na sua obra desde a introdução. Recortando que “a práxis é a categoria central da filosofia que se concebe ela mesma não só como interpretação do mundo, mas também como guia de sua transformação”, para posteriormente escrever que “tal filosofia não é outra senão o marxismo” (VÁZQUEZ, 1977, p. 5).

Dentre as complexidades que permeiam a teoria e a prática, devemos evidenciar que o posicionamento de Sánchez Vázquez se lança para uma crítica, que não poderia ser fecundada distante da defesa das ações práticas, ou seja, não é apenas a análise da concepção da práxis em Marx, como um ponto de partida que está em compatibilidade com seu marxismo, defendendo o fortalecimento da atividade teórica e prática dos homens, culminando na criação da revolução.

Através dessa discussão como podemos entender a teoria e a prática com relação à ideologia e a ciência? Esclareceu Sánchez Vázquez,

tudo isso demonstra que as relações entre teoria e praxis são mais complexas do que pensava Gramsci e que seu esclarecimento [...] tem que ser buscado em sua unidade indissolúvel como a ciência e

ideologia do proletariado, isto é, como teoria condicionada historicamente e fundamentada cientificamente, razão pela qual não pode ser reduzido a mera ideologia, deixando-se de lado seu caráter científico (VÁZQUEZ, 1977, p. 50).

Desse modo deixa entender que a teoria e a prática não estão intercaladas apenas entre ambas, unindo questões ideológicas e científicas sobre o que considerava estar associado ao marxismo.

Cabe ainda enfatizar, o que levaria a transformação, já que a práxis espontânea estaria distante para ser alcançada sem a práxis consciente, de modo que a transformação seria consequência da insatisfação com as condições existentes. Demonstrando que o pensamento de Sánchez Vázquez contempla a conhecimento associado à transformação do real, que sem maiores complexidades, trata-se de considerar os meios políticos, econômicos, sociais, culturais e outros, buscando entender o que nos cerca, não pairando em determinadas condição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia da práxis foi relacionada com algumas das principais questões do social, pensados acerca do homem. Com um espaço particular em cada um dos teóricos discutido por Sánchez Vázquez, no qual a concepção da práxis esteve presente, sem negar as diferentes características que se extraí do que escreveu Hegel, Feuerbach e Marx.

Relacionando teorias que poderiam transparecer um distanciamento, mas que estão interligadas sobre a filosofia da práxis, que não nega as especificidades, pois o objetivo principal de Sánchez Vázquez não foi necessariamente contrapor ideias, como de abordar a práxis sobre diferentes perspectivas, que possibilitou adentrar em alguns dos vários campos de análise, entre a filosofia e a história. Salientando a história, que seria a história das ações dos homens, no decorrer das ações individuais e coletivas.

A tese não é desprovida de subjetividades, pois é evidente o marxismo de Sánchez Vázquez, como referencial teórico que levou a defesa da atividade prática, através da interpretação desenvolvida no meio teórico, apoiando-se em conceitos pontuados por Marx, como alienação e consciência de classe. No entanto é preciso admitir que não é sempre que um é condizente com o outro, uma vez que a teoria e a prática não estão estagnadas, o tempo não aguarda pela ações teóricas, e a sociedade enfrenta transformações que repercute no espaço que habita, conforme as ideias não permanecem as mesmas ao longo do tempo.

Talvez seja através dessa questão que enfatiza a necessidade de interpretar para transformar. Palavras que não são meras expressões, constituindo o tronco principal do

pensamento da concepção da práxis, não em Hegel ou Feuerbach, como em Sánchez Vázquez. Criticando os pilares que sustentam a sociedade desigual, denominada de sociedade capitalista, no qual o pensamento e a prática parecem estar cada vez mais distantes, como a política estaria se afastando da ética, para a política do espetáculo. O cientista, o filósofo e o artista teriam a capacidade de interpretar e agir no meio social.

Uma das principais críticas de Sánchez Vázquez voltou-se ao socialismo real, já que consolidava a disparidade com o socialismo científico, algo questionável, pois novamente estaria em questão a relação entre a teoria e a prática. Entre as críticas e os posicionamentos favoráveis ao socialismo constituiu a filosofia da práxis, no qual o homem e a história foram os elementos principais, pois em que âmbito se constituiria a práxis sem o homem na história.

REFERÊNCIAS

- FAVRE, Monique; PIERRE. **Os marxismos depois de Marx**. São Paulo: Ática. 1991.
- LOZANO, Gabriel Vargas. **Filosofia y economia en el jovem Marx de Adolfo Sanchez vazquez**. 2013.
- MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach** (1845). 2005. Disponível em: www.ebooksbrasil.com. Acesso: 20/ 04/ 2013.
- MAYORAL, María Rosa Palazón. **A filosofia da práxis segundo Adolfo Sánchez Vázquez**. Tradução: SILVA, Simone Rezende da. 2007. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.br>. Acesso: 10/ 11/ 2012.
- SERRA, Joaquim Mateus Paulo. **Alienação** (coleção artigos Lusosofia). Disponível em: www.lusosofia.net (2003). Acesso: 15/ 06/ 2011.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da praxis**. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 2. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. **Ética e política**: Departamento de ciências política. Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas; USP. 2006. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/filopolconbr/sanchez.pdf>. Acesso: 26/ 02/ 2013.